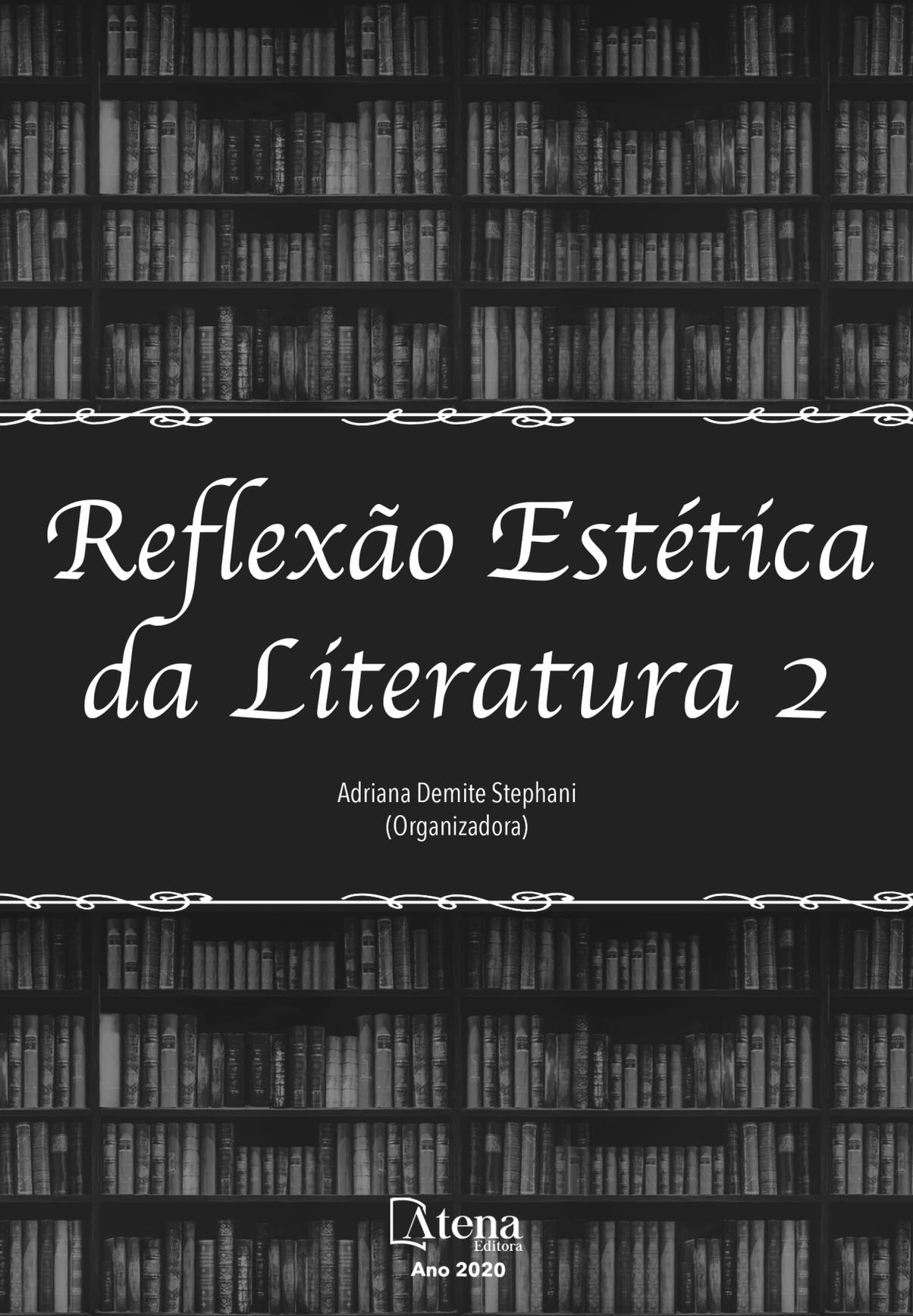


*Reflexão Estética
da Literatura 2*

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020



Reflexão Estética da Literatura 2

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Adriana Demite Stephani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexão estética da literatura 2 / Organizadora Adriana Demite Stephani. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-489-4

DOI 10.22533/at.ed.894202610

1. Literatura. 2. Estética. I. Stephani, Adriana Demite (Organizadora). II. Título.

CDD 801.93

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Reflexão Estética da Literatura 2” intitula a coletânea de 25 artigos que possui a literatura, suas facetas e interseções como mote. A partir de diversas abordagens teóricas, os autores apresentam olhares e discussões sobre a recepção e análise de obras literárias de diferentes gêneros, estilos, épocas, contextos históricos, espaços geográficos e temas.

Nessas análises, somos transportados para o sul do continente africano, suas histórias, imperadores, guerrilhas e cotidiano pelas obras moçambicanas *Neighbours*, escrita por Lília Momplé, *Ualalapi* e *As mulheres do imperador*, de Ungulani Ba Ka Khosa, *Quem manda aqui?*, conto de Paulina Chiziane, pelo livro de poemas *Karingana ua Karingana*, de José Craveirinha e pela obra *Kiriku e a feiticeira*, do animador francês Michel Ocelot.

Espaços, personagens brasileiros, contextos e estruturas narrativas são apresentados nas análises de: *O retrato do rei*, de Ana Miranda, a partir das referências metapicturais do seu contexto narrativo; *Grande sertão: veredas* (1956) e o sentido do envelhecimento de Riobaldo; nas representações do mundo do oprimido e dos mecanismos de opressão nas obras “O louco do Cati” (1984), um romance oral do gaúcho Dyonelio Machado, e, em *Selva Trágica*, de Hernani Donato retratando uma “escravidão” da/pela erva nas primeiras décadas do século XX, no sul do antigo Mato Grosso; a “transculturação narrativa” é analisada em *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta; e, a pluralidade de motivações das quais partiu Lobato para compor “Inquérito sobre o saci” também é exposta.

Os temas suicídio e igreja são abordados na análise comparativa do romance *A viuvinha* (1857), de José de Alencar com o periódico *A Abelha – Verdade e Caridade* (1854), vinculado à Igreja Católica; assim como, analisa-se o discurso crítico antirreligioso católico presente nos esperpentos do autor espanhol Ramón María del Valle-Inclán (1866-1936), escritos entre 1921 e 1927. Representações peculiares e figuração arquetípica do Mal são objetos de análise nas obras *Marked*, de Steve Ross, *Punk Rock Jesus*, de Sean Murphy, e *Fausto: uma tragédia de Goethe*, de Mefistófeles.

Discussões sobre leitura e leitor também compõem esta coletânea com pesquisas sobre o que e como liam os cariocas da segunda metade do século XIX, as contribuições de Antonio Candido para o ensino de poesia, e, a ressocialização de pessoas pelas práticas de leitura.

A poesia igualmente é objeto de estudos dos textos que discutem as metáforas metalinguísticas, o eu-poético, o lugar de onde fala em poemas de Astrid Cabral, Hilda Hilst; como também, há um estudo comparado entre o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, do poeta brasileiro Manuel Bandeira e o poema “Passaporte para Pasárgada” (1946), do poeta cabo-verdiano Osvaldo de Alcântara. No que se refere aos textos dramáticos, há artigos sobre a dramaturgia comparada no Brasil e a imagética cênica do texto dramático

Teatro Decomposto ou O Homem-Lixo, do romeno Matéi Visniec.

A interseção entre a literatura e o jornalismo é analisada no livro de crônicas *A vida que ninguém vê* (2006) de Eliane Brum, e, as diferenças entre o tratamento da homossexualidade são observadas no romance *Simon vs. a agenda Homo Sapiens* e em sua adaptação cinematográfica, intitulada *Com amor, Simon*. E, fechando essa miscelânea, *Auto-reflexões de um biógrafo acidental* apresenta pesquisas de trajetórias relevantes para a arquitetura e o planejamento urbano na Argentina.

Os artigos proporcionam ao leitor uma imersão nos aspectos da recepção e da teoria literária, assim como viagens por mundos, temas e contextos tão diversos. Boa leitura!

Adriana Demite Stephani

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“EM CASA DE LEIA E JANUÁRIO”: AFETOS E DESAFETOS NA OBRA LITERÁRIA <i>NEIGHBOURS</i> DE LÍLIA MOMPLÉ	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
Rosilda Alves Bezerra	
Lorraine Sobral Correia de Lucena	
DOI 10.22533/at.ed.8942026101	
CAPÍTULO 2	14
A PROSA MODERNA DE UM CHAMADO JOÃO, UMA DISCUSSÃO QUE NÃO SE ENCERRA	
Rosalina Albuquerque Henrique	
Sílvio Augusto de Oliveira Holanda	
DOI 10.22533/at.ed.8942026102	
CAPÍTULO 3	20
O PROCESSO INTERMIDIÁTICO EM <i>O RETRATO DO REI</i> , DE ANA MIRANDA	
Cristina Reis Maia	
DOI 10.22533/at.ed.8942026103	
CAPÍTULO 4	32
AS MARCAS DA OPRESSÃO EM <i>SELVA TRÁGICA</i> , DE HERNANI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
João Batista Cardoso	
Vera Lúcia da Rocha Maquêa	
DOI 10.22533/at.ed.8942026104	
CAPÍTULO 5	43
POR UMA EPISTEMOLOGIA DO OPRIMIDO: ESTUDO DO ROMANCE <i>O LOUCO DO CATI</i> DE DYONÉLIO MACHADO	
Nailton Santos de Matos	
DOI 10.22533/at.ed.8942026105	
CAPÍTULO 6	64
A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA CONTRADISCURSIVA EM UNGULANI BA KA KHOSA E PAULINA CHIZIANE	
Carina Marques Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.8942026106	
CAPÍTULO 7	74
O SUICÍDIO NA FICÇÃO E NO PERIÓDICO CATÓLICO: <i>A VIUVINHA</i> , DE JOSÉ DE ALENCAR, E <i>A ABELHA</i> – VERDADE E CARIDADE	
Iza Terezinha Gonçalves Quelhas	
DOI 10.22533/at.ed.8942026107	

CAPÍTULO 8	86
O DISCURSO VALLE-INCLANIANO ESPERPÊNTICO CONTRA À IGREJA CATÓLICA ESPANHOLA	
Gustavo Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8942026108	
CAPÍTULO 9	95
CAMINHANDO EM DIREÇÃO DO TRANSCULTURALISMO EM TERRA PAPAGALI	
Camila Marcelina Pasqual	
DOI 10.22533/at.ed.8942026109	
CAPÍTULO 10	106
O INQUÉRITO SOBRE O SACI PERERÊ: UM LOBATO MÚLTIPLO	
Amaya Obata Mouriño de Almeida Prado	
DOI 10.22533/at.ed.89420261010	
CAPÍTULO 11	118
ENTRE LIVRO E TELA: A AVENTURA DO HERÓI NA LITERATURA DE RECEPÇÃO INFANTIL	
Maria Zilda da Cunha	
Maria Auxiliadora Fontana Baseio	
DOI 10.22533/at.ed.89420261011	
CAPÍTULO 12	129
LEITURAS E LEITORES NO OITOCENTOS CARIOCA	
Valdiney Valente Lobato de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.89420261012	
CAPÍTULO 13	139
ANTONIO CANDIDO E O ENSINO DE LITERATURA	
Jefferson Silva do Rego	
Larissa Leal Neves	
DOI 10.22533/at.ed.89420261013	
CAPÍTULO 14	147
“VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA” ANUNCIANDO “CÂNTICO DA MANHÃ FUTURA”	
Andréia Maria da Silva	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261014	
CAPÍTULO 15	159
COMUNIDADE DE TERRITÓRIO: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NACIONAL NA POESIA DE CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261015	

CAPÍTULO 16	167
ASTRID CABRAL: METÁFORAS DO EU-POÉTICO POETA Carlos Antônio Magalhães Guedelha DOI 10.22533/at.ed.89420261016	
CAPÍTULO 17	185
LÍRICA E INTERLOCUÇÃO EM HILDA HILST Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari DOI 10.22533/at.ed.89420261017	
CAPÍTULO 18	196
LEITURAS, LITERATURA E REMIÇÃO DE PENA: POLÍTICA PÚBLICA PARA RESSOCIALIZAÇÃO NAS PRISÕES DO DF Ana Cristina de Castro Robson Coelho Tinoco DOI 10.22533/at.ed.89420261018	
CAPÍTULO 19	206
REFLEXÕES: A DRAMATURGIA COMPARADA NO BRASIL Alexandre Francisco Solano DOI 10.22533/at.ed.89420261019	
CAPÍTULO 20	217
AS POÉTICAS DO (DES)HUMANO E A DECOMPOSIÇÃO DOS IMAGINÁRIOS CONTEMPORÂNEOS NO TEATRO DE MATEI VISNIEC Alexandre Silva Nunes DOI 10.22533/at.ed.89420261020	
CAPÍTULO 21	223
A MODERNIDADE NA POESIA DE BAUDELAIRE SEGUNDO A TEORIA WALTER BENJAMIM Wanice Garcia Barbosa Valéria Maria Barboza Ferro DOI 10.22533/at.ed.89420261021	
CAPÍTULO 22	231
A NOÇÃO DE CREDIBILIDADE EM <i>A VIDA QUE NINGUÉM VÊ</i> DE ELIANE BRUM: UMA INTERSEÇÃO POSSÍVEL ENTRE A LITERATURA E O JORNALISMO Nathália Coelho da Silva DOI 10.22533/at.ed.89420261022	
CAPÍTULO 23	242
SIMON VS. SIMON: INTERTEXTUALIDADE E ADAPTAÇÃO Denise Veras Igor Sampaio DOI 10.22533/at.ed.89420261023	

CAPÍTULO 24	252
REPRESENTAÇÕES DO MAL EM REESCRITAS EVANGÉLICAS DE SEAN MURPHY E STEVE ROSS Delzi Alves Laranjeira DOI 10.22533/at.ed.89420261024	
CAPÍTULO 25	263
MEFISTÓFELES: O MAL COMO NECESSIDADE EXISTENCIAL Jonatas Alexandre Lima de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.89420261025	
CAPÍTULO 26	271
OBJETIVANDO SUBJETIVIDADES EN UNAS APROXIMACIONES BIOGRÁFICAS Ana María Rigotti DOI 10.22533/at.ed.89420261026	
SOBRE A ORGANIZADORA	281
ÍNDICE REMISSIVO	282

REFLEXÕES: A DRAMATURGIA COMPARADA NO BRASIL

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 25/06/2020

Alexandre Francisco Solano

Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) –
São Paulo/SP
<http://lattes.cnpq.br/9642168416851760>

RESUMO: “O olho sem pálpebra”, “o corpo sem tronco”, “as mãos sem os dedos”. Essas e outras metonímias talvez nos ajudassem a compreender a ausência, dentro da Teoria Literária, de uma sólida dramaturgia comparada em nosso país, seja como disciplina seja aquela vista no texto dos críticos. Pois bem: o artigo que aqui vai tem como preocupação reflexões sobre a formação da Literatura Comparada na América Latina. Isso para que possamos recortar as dificuldades e os poucos caminhos encontrados pelos críticos para a realização da comparação entre obras e apresentações teatrais.

PALAVRAS - CHAVE: Literatura Comparada; Transculturação; Antonio Candido; Angel Rama; Décio de Almeida Prado.

REFLECTIONS: COMPARATIVE DRAMATURGY IN BRAZIL

ABSTRACT : “The eye without an eyelid”, “the body without a trunk”, “the hands without the fingers”. These and other metonymies might help us to understand the absence, within Literary Theory, of a solid comparative dramaturgy in our country, whether as a discipline or that seen

in the text of the critics. Well, the article here is concerned with reflections on the formation of Comparative Literature in Latin America. This is so that we can cut out the difficulties and the few paths found by critics to carry out the comparison between works and theatrical performances.

KEYWORDS: Comparative Literature; Transculturation; Antonio Candido; Angel Rama; Décio de Almeida Prado.

1 | INTRODUÇÃO

No Brasil, podemos dizer que Antonio Candido, por meio da obra *Formação da Literatura Brasileira*, mesmo sem estabelecer esse objetivo, inaugura o estudo comparado da literatura brasileira. Já na introdução de sua obra, o autor compara as manifestações literárias, ocorridas antes do século XVIII, com os momentos decisivos, entre o Arcadismo e o Romantismo, que dão ao Brasil a sua existência no campo da Literatura. O crítico e professor estabelece a diferença entre os períodos formativos iniciais e aqueles, durante o século XVIII, fundamentais à consolidação de uma tradição literária em nosso país.

Próximo a T.S Eliot, Antonio Candido pressupõe a existência de obras com traços comuns, sugestivas à formação, dentre um período e outro, de padrões quanto à maneira do escritor articular a linguagem literária. Tais elementos quando consolidados, mesmo em meio às mudanças de pensamento dos autores,

entre uma corrente e outra da literatura, são decisivos no perfilamento de uma tradição. Aliás, segundo o estudioso brasileiro, sem tradição não existe literatura como um “fenômeno de civilização”. A formação de certa continuidade, por sua vez, só é possível quando há num país:

[...] a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes públicos, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros” (CANDIDO, 2000, p.23).

A interação desses denominadores comuns, “escritor-obra-leitor”, é fator decisivo, para o crítico brasileiro, na formação de um “sistema simbólico” que comunica e, ao mesmo tempo, se faz comunicar, ou seja, a própria literatura. Da mesma forma, o professor Candido ressalta que, em sua análise, as obras da literatura brasileira: “[...] aparecem por força da perspectiva escolhida, integrando em dado momento um sistema articulado e, ao influir sobre a elaboração de outras, formando, no tempo, uma tradição” (CANDIDO, 2000, p.24). A tradição, antes de tudo, é aquilo que nos permite comparar obras dentro da literatura nacional, classificando-as por temas, por escolhas estilísticas, por aspectos estruturais e assim por diante.

Ao mesmo tempo o “sistema de valores” que, para os estruturalistas de Praga, envolvia a literatura em aspectos linguísticos e extralinguísticos, trazendo a importância da atividade do escritor quando nelas influem os leitores, é também recuperado pelo crítico brasileiro. Aliás, a obra só tem motivo de “ser” quando há público, estando esse apto a conferir-lhe novos valores significativos. Já em meio às suas apreciações críticas, quando a exemplo se refere a poesia de Gonçalves Dias, resgatando-a a partir da influência da “ternura elegíaca” de Basílio da Gama, notamos como a estilística literária serve de instrumento a Candido. As experiências históricas brasileiras são desveladas pelo professor ao passo que ele analisa o estilo trilhado por cada autor para representá-las. Ele próprio avalia essa questão de cunho metodológico:

Para chegar o mais perto possível do designio exposto, é necessário um movimento amplo e constante entre o geral e o particular, a síntese e a análise, a erudição e o gosto. É necessário um pendor para integrar contradições, inevitáveis quando se atenta, ao mesmo tempo, para o significado histórico do conjunto e o caráter singular dos autores. É preciso sentir, por vezes, que um autor e uma obra podem ser e não ser alguma coisa, sendo duas coisas opostas simultaneamente, - porque as obras vivas constituem uma tensão incessante entre os contrastes do espírito e da sensibilidade. A forma, através da qual se manifesta o conteúdo, perfazendo com ele a expressão, é uma tentativa mais ou menos feliz e duradoura de equilíbrio entre estes contrastes. (CANDIDO, 2000, p.30)

Essa visão dialética, entre o geral e o particular, entre a análise e sua síntese, nos revela que ao método de Candido é imprescindível, antes de tudo, a comparação,

mesmo que ele não cite ao longo da obra o termo Literatura Comparada. Por meio do particular, no qual residem características estilísticas próprias de um autor, desnuda-se o geral, características históricas e experiências sociais. Essas que influenciam a escrita do autor, passam também a ser influenciadas pelo modo como ele as lê. Esse movimento se estabelece quando contextos, estilos e a manifestação do conteúdo pela forma, ou seja, a própria expressão literária, são comparados. Afinal, a tradição literária de uma nação só sobrevive em sua correlação e, também, nos contrastes e semelhanças com tradições de outros países. Não à toa, no prefácio à primeira edição, o crítico literário ressalta: “A brasileira [a literatura] é recente, gerou no seio da portuguesa e dependeu da influência de mais duas ou três para se constituir” (CANDIDO, 2000, p.9).

Mesmo manifestando, muitas vezes, interesses comuns à literatura europeia, os escritores brasileiros se empenharam em produzir algo genuíno. Para isso se debruçaram, como descreve Candido, numa necessidade de representar – pela expressão literária – o espírito nacional, fato que trouxe ao escritor o dever de também apresentar a “realidade imediata” do país. Como conclui Candido, “como não há literatura sem fuga ao real, e tentativas de transcendê-lo pela imaginação, os escritores se sentiram frequentemente tolhidos no voo, prejudicados no exercício da fantasia pelo peso do sentimento de missão” (CANDIDO, 2000, p.26). Esse fato acarretou pouca desenvoltura no âmbito estético, carecendo a nossa literatura, então, de transfigurar o real em “cousa literária”, o que tornaria o dia a dia mais belo por meio do “contado mágico da arte” (CANDIDO, 2000, p.26).

21 PARA ALÉM DO VELHO MUNDO: A LITERATURA COMPARADA NA AMÉRICA LATINA

Para Candido, só a partir da década de 1960, depois de um longo percurso após a consolidação da nossa Literatura, no século XVIII, o grau de fantasia e imaginação alcançaria uma intensidade adequada a voos estéticos mais ousados. Citando o próprio crítico, Sandra Nitrini destaca que a fantasia na ficção latino-americana dos anos 60 buscou “[...] marcar o fim de um longo complexo de inferioridade, como se nossos povos, depois de enfrentarem os problemas, no plano político pela tomada de consciência do imperialismo, no plano literário através da visão crítica do realismo, pudessem enfim deixar fluírem seus poderes criadores” (CANDIDO apud NITRINI, 2010, p.67). Essa percepção foi avaliada pelo crítico e professor brasileiro a partir de obras dos nossos romancistas (do “regionalismo universalista”), como Guimarães Rosa, e dos autores dos outros países latinos, como o escritor Vargas Llosa, Cortázar e Gabriel Garcia Márquez.

A partir desse momento, junto a outro crítico latino, o uruguaio Angel Rama, o estudioso brasileiro reuniu esforços para destacar nas tendências da literatura localista, tanto do Brasil como dos outros países da América Latina, o fim do “apanágio de tipo realista”, através do qual a linguagem literária sempre esteve atrelada à necessidade de respeitar fatos e acontecimentos históricos. Até mesmo o olhar da crítica buscava esse

caminho para destacar o realismo descritivo como fator crucial à escrita do autor latino, num local cheio de imprecisões políticas e econômicas. Esse fato trouxe a grandes escritores, como Machado de Assis, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, um olhar que os aprisionou nas premissas do nacionalismo e realismo, não compreendendo muitos críticos, em suas obras, o poder inovador em relação às propostas das correntes das quais participaram. Segundo Nitrini, o isolamento de nossa literatura, distanciada das literaturas de língua espanhola, não trouxe ao conhecimento do público e da crítica especializada o caráter inovador de alguns autores brasileiros entre os séculos XIX e XX.

Nessa mesma perspectiva, Angel Rama, após encontros com Candido em congressos nos quais se discutiam os caminhos da Literatura Comparada, busca uma orientação metodológica adequada às características de nossa literatura latina. Para ele: “[...] a base do projeto de integração latino-americana funda-se numa identidade comum que é enformada pela herança românica, pelo modo de apropriação das culturas estrangeiras, românicas ou não, e pela estratificação cultural decorrente do mestiçamento” (NITRINI, 2010, p.70). Essa perspectiva trouxe à crítica outras tendências em relação aos antigos modelos de análise europeus e norte-americanos, nos quais eram pelos críticos disponibilizadas as novas iniciativas literárias em um único volume da literatura mundial.

As características sociais e culturais da América Latina careciam (e ainda carecem), dentro de um projeto dialogal entre a literatura de países como o Brasil, a Argentina, o Uruguai, a Venezuela, bem como outros, de uma percepção da diversidade linguística desse vasto continente e, além disso, em cada nação, do reconhecimento de inúmeras raças, participantes do processo cultural e artístico dessas nações. Isso sem contar as tendências regionalistas, trazendo dialetos e costumes variados ao escritor que desejava representá-las.

Diversamente do Velho Mundo, no qual a identidade entre os países já estava consolidada, e as línguas faladas e escritas praticamente se traduziram numa língua comum, os países latinos não eram unificados, devendo ser tratados, pela Literatura Comparada, como integrantes de uma multiplicidade de elementos divergentes e também comuns. As contribuições de Angel Rama dentro desse projeto impulsionaram outros críticos, como Antonio Candido, a desenvolverem em seus países uma revisão de suas historiografias literárias e, ao mesmo tempo, a elegerem o método comparatista para a escrita da história da literatura. As ideias do crítico uruguaio, ligadas à proposição de revelar a relação literária dos países latinos e dos europeus, desenvolveu-se através de um conceito emprestado de Fernando Ortíz, o de transculturação. Se para Ortiz o processo transculturador revela o contato e a relação entre variadas culturas, principalmente aquelas que, na América Latina, sofreram influência da Europa, desde o período colonial, e buscaram se recompor através de nossos traços particulares, para Rama:

Nas obras literárias, o processo transculturador realiza-se em três níveis: o linguístico, o da estruturação e o da cosmovisão. O nível mais imediato – o da língua – resgata os modos de expressão regional, resultando na criação de uma linguagem literária peculiar. Esse uso da linguagem como invenção específica do romance tem como efeito a incorporação de elementos líricos e dramáticos na narrativa [...]. O nível de estruturação narrativa corresponde à construção de mecanismos literários próprios, suficientemente resistentes ao impacto modernizador, porém adaptáveis às novas circunstâncias [...]. O terceiro nível, a cosmovisão, é o ponto em que se engendram significados, definem-se valores, desenvolvem-se ideologias, e é, por isso, o que mais oferece resistência às mudanças dessa modernidade homogeneizadora[...]. As operações transculturadores liberam a expansão de novos relatos míticos e, ao mergulhar nas fontes locais e na sua herança cultural, recuperam outras estruturas cognoscitivas, opondo ao simples manejo de mitos literários o que Rama chama de "um exercício do pensar mítico". (AGUIAR, 2001, p. 11-13)

Não é difícil afirmar que o conceito trabalhado por Rama contribuiu de forma inegável para compararmos um escritor a outro, bem como compreender como as particularidades da região de determinado autor influem em sua obra e, principalmente, são decisivas na recepção de outras. É a partir disso que podemos perceber como um literato busca a singularidade de sua cultura ao apresentá-la por meio de sua obra ficcional, comparando-a, mesmo que indiretamente, com outros trabalhos artísticos.

Esses estudos não só trouxeram fôlego novo ao trabalho de Antonio Candido como o levaram já em 1962 a propor, na Universidade de São Paulo, o acréscimo da disciplina de Literatura Comparada aos estudos da Teoria Literária. Contudo, dentro desse novo círculo de estudos, contando com o comparatismo e com as teorias da literatura, parece ter sido o romance e a poesia os gêneros mais privilegiados. O teatro, estudado pelos membros da EAD (Escola de Arte Dramática da USP), parece não ter partilhado das conquistas dessa nova disciplina. Poucos foram aqueles que se debruçaram para criar um método de Dramaturgia Comparada, correlacionando peças produzidas pela literatura brasileira, comparando a nossa dramaturgia com a estrangeira e ainda observando-as em meio às discussões e análises do gênero narrativo e do lírico. Essa constatação talvez encontre validade já nas palavras de Candido quando, no primeiro prefácio a sua clássica obra, assinala:

O estudo das peças de Magalhães e Martins Pena, Teixeira e Sousa e Norberto, Porto-Alegre e Alencar, Gonçalves Dias e Agrário Menezes, teriam, ao contrário, reforçado os meus pontos de vista sobre a disposição construtiva dos escritores, e o caráter sincrético, não raro ambivalente, do Romantismo. Talvez o argumento da coerência tenha sido uma racionalização para justificar, aos meus próprios olhos, a timidez em face dum tipo de crítica – a teatral – que nunca pratiquei e se torna, cada dia mais, especialidade amparada em conhecimentos práticos que não possuo. (CANDIDO, 2000, p.12)

Sabendo da influência inegável do crítico dentro dos estudos do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP e em outros espalhados nas universidades do país, é possível afirmar que a crítica literária voltada à dramaturgia enfrentou certa timidez na área de Letras. Foram os intelectuais e professores dos cursos de Teatro ou Artes Cênicas os encarregados por tratar dessa “especialidade amparada em conhecimentos práticos”.

3 | REFLEXÕES SOBRE A DRAMATURGIA COMPARADA NO BRASIL

Salvando o ofício de alguns críticos, como Décio de Almeida Prado, Jacó Guinsburg, Jefferson Del Rios, Yan Michalski e Sabato Magaldi, a exemplo, notamos que a crítica esteve ora voltada tão somente ao público, aos diretores, ao trabalho do ator, do figurinista, do sonoplasta (às questões técnicas), ora preocupada tão-só em escarafunchar o texto teatral e mostrá-lo a partir dos seus ganhos e inovações estéticos. Em poucos momentos vemos uma preocupação ampla por parte dos críticos para que esses dois movimentos – da análise técnica da cena e da interpretação do texto teatral – fossem postos lado a lado e, por decorrência, comparados também com outras apresentações e obras dramáticas. A grande parte desses trabalhos - ou reuniões de críticas das peças desses críticos - apresenta análises de peças isoladas, sem que haja a preocupação com a formação de uma teoria da Dramaturgia Comparada e, assim, capaz de compor a História do Teatro no Brasil numa coexistência da relação do texto, com a cena e desse em relação a outros espetáculos.

Contribui para isso um tipo de análise crítica que seguiu propostas relevantes dentro do nosso próprio panorama teatral. O teatro brasileiro esteve, mais do que o romance, sob as amarras do naturalismo e do realismo, em busca de temas populares selecionados para configurar a imagem da nação, tratando dos seus principais problemas sociais, como a miséria, a pobreza, a ausência de condições dignas de moradia, a falibilidade do sistema educacional, a violência, ou seja, aqueles presentes nos dias atuais. Mais ligado à função social da literatura do que à forma, tanto no texto como na encenação, o teatro só alcançou discussões estéticas mais apuradas – que permitissem ao crítico amplas comparações com outras obras dramáticas e até outros gêneros – a partir de talentos individuais, como o de Nelson Rodrigues e Guarnieri, e depois por meio dos grupos, como o Arena e o Oficina.

Dentre as artes, o teatro representou em muitos momentos da história do Brasil a fatia mais promissora para contestar conjunturas históricas, como a ditadura varguista a exemplo. Se por um lado isso significou uma importante tarefa social, por outro esse fator foi decisivo para que os ganhos modernistas, no campo artístico, emergissem após vinte anos na arte teatral brasileira, em meados de 1940. Isso se comparado ao movimento modernista que transformou as artes plásticas, o romance e a poesia – com a Semana de Arte de 1922. Por essa e outras razões são válidas questões, como a acima levantada,

principalmente quando o comparatismo começa a “engatinhar” em relação ao texto, mas muito perde no tocante à comparação do estudo técnico da cena, como se o mesmo – o texto – estivesse desvinculado do processo de criação dos autores – do texto e da personalidade desses escritores. Sabendo que a cena teatral é fruto de uma releitura e até de modificações dos textos dos dramaturgos pelas mãos do diretor, parece a muitos críticos ser essa última leitura aquela sobre a qual realmente os especialistas devam se debruçar.

Acompanhando pesquisas que objetivam traçar pontos de vista históricos, como é o caso da obra de Antonio Candido, da *Formação*, encontramos o ensaio de Décio de Almeida Prado, *Teatro de Anchieta a Alencar* (PRADO, 1988). Amigo de Candido, da chamada *Geração Clima*, Prado recupera do companheiro a concepção de “literatura como sistema”, apontando também a partir do Romantismo a formação do sistema teatral brasileiro. Diferentemente de Candido, para quem a literatura brasileira tem início na transição entre o Arcadismo e o Romantismo, na qual o brasileiro teve contato com movimentos políticos importantes como a Inconfidência, Décio irá assinalar o amadurecimento da arte teatral brasileira ou da nossa literatura dramática em outra conjuntura. Com a chegada da família real ao Brasil, movimento decisivo observado a partir de 1808, ele, ao se referir à herança teatral portuguesa, às casas de teatro construídas no Brasil e, especialmente, à arte clássica para cá trazida, tematiza o início da sistematização do nosso Teatro. Desde as manifestações teatrais de Padre Anchieta até o Teatro do século XVIII, Décio traça o perfil dos dramaturgos mais expressivos do nosso país, chegando à conclusão de que a partir das iniciativas de Gonçalves de Magalhães pode-se falar num teatro nacional. Como assinala Ana Bernstein, para Décio, Magalhães:

Ao escrever *Antônio José ou O poeta* e a inquisição, seu autor deseja produzir a primeira tragédia brasileira e uma obra de “assunto nacional”. Aos olhos do historiador, a peça reveste-se de importância por uma dupla razão: por ser a primeira obra de valor do teatro brasileiro e por ter desempenhado papel-chave na carreira de João Caetano. Décio de Almeida Prado entende que Gonçalves de Magalhães, além de precursor do romantismo no Brasil, merece ser considerado, pelas razões mencionadas, como criador do teatro brasileiro. (BERNSTEIN, 2005, p.181)

Na sequência, contribuem para dar continuidade à investida de Magalhães e à atuação de outros atores, a partir das encenações de João Caetano (considerado nosso primeiro ator nacional a refletir sobre o papel do ator), as peças teatrais de José de Alencar, como o *Demônio Familiar*, e de Gonçalves Dias, com *Leonor de Mendonça*, um dos “dramas mais bem-acabados”, nas palavras de Décio, no início da arte teatral no Brasil. Verifica-se nas análises de Almeida Prado, como nas de Antonio Candido,

[...] o traço característico da geração *Clima*, para a qual a crítica cultural vincula-se sempre, necessariamente, à esfera social. Mais: para entender a originalidade de uma determinada obra, aquilo que a diferencia do repertório de obras do seu tempo, seria necessária a perspectiva histórica, sem a qual

Embora não tenhamos nas grades curriculares das universidades brasileiras uma disciplina específica para o teatro comparado ou para a Dramaturgia Comparada, ela figura no método de Décio (mais do que no de outros críticos) sem ser mencionada, como também aconteceu nas primeiras obras de análise literária de Antonio Candido. A necessidade desse olhar comparatista, sem descartar a perspectiva histórica, dá possibilidades para se pensar o texto, suas características, bem como sua apropriação para os palcos num olhar em que a literatura, ao se valer da linguagem, não deixa – de modo direto ou indireto – de se referir à realidade. Realidade que, no teatro, é transformada pelo texto teatral e a cada vez que os atores entram em cena para representá-lo num novo espetáculo.

Assim, por ser a cena teatral tão efêmera, diríamos partícipe da arte do efêmero, a crítica muitas vezes percorre um caminho de avaliação contrário àquele – habitualmente – visto na análise do romance: da obra do autor à sua recepção. No teatro é a partir da recepção, nas casas de espetáculo, que, geralmente, o crítico, após apreciar as práticas postas no palco, volta-se ao texto para comparar, para observar as indicações de cena, como as rubricas, para compreender como músicas foram acrescidas, como trechos dialogais foram suprimidos, como a cena, enfim, ganhou nova estética, vivacidade quando em movimento. O crítico teatral lida então com a crítica em movimento, como acontece com outros gêneros da literatura, mas não pode descartar que entre o texto dos dramaturgos e a encenação, seguida da recepção do público, há figuras intermediárias de importância inegável a essa arte, ou seja, o diretor, o sonoplasta, o figurinista, o produtor e os atores.

Aliás, em Décio de Almeida Prado, nas análises das obras de Dias e Alencar, tendo em vista que ele não esteve presente nas encenações, percebemos sua preocupação em buscar críticos da época, como Justiniano José da Rocha, escritor e jornalista do período oitocentista. A partir disso, opera-se pelas mãos de Décio um trabalho entre a cena e o texto, num movimento contínuo entre o palco, a página e a realidade histórica daquele momento. Para esse crítico, como para Sábado Magaldi e para Jacob Guinsburg, o texto, analisado por meio do viés psicológico e através de caracteres linguísticos, torna-se um dos parâmetros fundamentais a qualquer crítica comparada do teatro. Digamos de passagem, que sob esse fundamento o crítico estabelece a comparação entre os vários períodos da arte teatral brasileira e descortina a nossa tradição teatral. Também sob forte influência do Teatro Europeu, durante o séc. XVIII e XIX, a comparação não só é realizada por meio das peças locais, mas também com um olhar lançado às encenações e representações estrangeiras.

Entretanto, todo esse ardiloso trabalho liga-se àquilo que chamamos de crítica teatral especializada, como ocorre também muitas vezes quanto à análise de gêneros como o romance e a poesia. Essa crítica, voltada ao âmbito acadêmico e surgida após a década de 1940, como é o caso dos exemplos acima citados, distancia-se daquela que no Brasil

figurou desde o aparecimento dos jornais, da Imprensa brasileira. Inicialmente, a crítica – de cunho jornalístico – era composta por bacharéis de Direito, os chamados “homens de letras”, já que não havia um curso de Teatro ou de Letras no Brasil. Ligados às tendências artísticas que remontavam análises do século XIX, esses jornalistas apresentavam afeição pela crítica europeia, tida como necessária à formação intelectual do país. Exemplo do pensamento desses redatores pode ser notado a partir da *Revista Dramatica*, fundada pelo bacharel em direito Pessanha Póvoa e publicada no ano de 1860. Suas 22 edições nos permitem aferir sobre o posicionamento crítico teatral do século XIX e suas influências no XX. Em comentário à peça de Martins Pena, *O Noviço*, refere-se Póvoa sobre o conceito de literatura empregado pelos articulistas da revista:

[...] a litteratura não é um sonho, não é uma chiméra de poeta, e nem tão pouco uma phantazia, é uma realidade; a litteratura não é como disse alguém, o produto da imaginação; não, a litteratura é a expressão da vida de um povo [...] A litteratura deve pois acompanhar a sociedade, moldar se por ella e reproduzir todos os seu matizes. (GUINSBURG & PATRIOTA, 2007, p.20)

Ao longo dos seus exemplares, além da preocupação em trazer pelas análises a necessidade da arte como veículo de uma imagem idealizada da nação em construção, do teatro como representante de símbolos pátrios em curso, é interessante notar como a *Revista Dramatica*, com a maior parte de artigos assinado por Póvoa, veicula as teses naturalistas presentes na época – da literatura como instrumento necessário para se “acompanhar a sociedade”, reproduzindo todos os seus matizes. A bem da verdade, seguindo preceitos da Faculdade de Direito de São Paulo, os redatores, como Martins Pereira, por exemplo, antes da preocupação formal queriam encontrar justificativas no texto teatral para o projeto nacionalista daquele momento. Esse tipo de olhar, dos bacharéis, onde a literatura não é advento da imaginação e muito menos da fantasia, encontrou espaço no início do século XX e privou, sobremaneira, uma produção crítica voltada à análise formal do texto teatral. Análise, aliás, que não inviabiliza o olhar do crítico para questões sociais redesenhadas pelo dramaturgo através da linguagem literária.

Ainda como assinala a historiadora Ana Bernstein, muitos, ainda na década de 1940, estiveram preocupados em reafirmar a necessidade de se construir uma nação capaz de produzir literariamente. Vendo no Brasil um estado novo, o crítico e jornalista Álvaro Lins, apontava a incapacidade de aqui se produzir teatralmente. Também formado em Direito e membro da Academia de Letras, Lins, sobre a criação do Serviço Nacional de Teatro, durante o governo de Getúlio Vargas, em 1937, assinala o seguinte:

Criar é a palavra justa. Não estamos, no nosso caso, nem diante de uma tradição interrompida, nem diante de uma tradição degradada. A nossa realidade é de um vazio. O que se chamou teatro em Martins Pena, em França Junior, no próprio Arthur Azevedo – sabemos que as melhores páginas deste escritor são seus contos e não as suas peças – não era propriamente uma literatura, uma arte teatral. Era um arremedo, um divertimento, um passatempo

Não é necessário dizer sobre a análise intransigente de Lins, que, diferentemente de Décio de Almeida, desconsiderou a tradição fincada desde Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, José de Alencar e Martins Pena. Ao lado dessa tradição, nomes de peso como Arthur Azevedo, representando nossos costumes através da comédia, foram incorporados – tardiamente – ao cenário teatral brasileiro. Sua capacidade de trazer ao público da época, bem como aos leitores de hoje, críticas humoradas como uma maneira eficaz de questionar as mazelas enfrentadas pela população é inegável em sua obra teatral. É por essa razão que nas considerações acima, de Álvaro Lins, bem como em muitas observadas no *Jornal de Crítica* (LINS, 1951), notamos como sua veia crítica esteve mais ligada à sua faculdade de julgar, aspecto pronto a suplantar análises formais capazes de explicitarem o papel da arte em meio à sociedade.

Seguindo essa característica, outros jornalistas como Renato Vianna e Pompeu de Souza, redator do *Diário Carioca*, diferentemente do procedimento adotado pelos acadêmicos da *Geração Clima*, não apresentam em seus artigos uma preocupação apurada com o texto teatral e, muitos menos, com um caminho comparativo numa referência a outros espetáculos nacionais ou internacionais. Seus textos, como o do dramaturgo Abadie Faria Rosa, para o *Diário de Notícias*, eram curtos, com um “[...] tom próximo à crônica social, onde os critérios mais fartamente empregados são o bom gosto (critério empregado, mas nunca difundido), a beleza, a correção, a elegância e a graciosidade das atrizes, o brilho dos cenários [...] a leveza da peça” (BERNSTEIN, 2005, p.46).

4 | CONCLUSÃO

Enfim, essa divisão de duas críticas divergentes persistiu, mesmo sendo amainada após a encenação de *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, encenada pela primeira vez em 1943, a qual exigiu dos escritores a eleição de elementos de análise que não se voltassem somente à publicidade ou ao comentário pessoal. Embora, mesmo com o preparo de muitos jornalistas, a crítica teatral se bifurcou: se por um lado se levantou a importância do texto para a avaliação da cena teatral, como vimos em Décio, por outro a descrição dos espetáculos fortaleceu a análise voltada às práticas e técnicas assistidas no palco.

Não se observa, salvaguardando a escrita dos críticos acadêmicos já citados, o equilíbrio entre uma postura e outra nos matutinos, que continuaram reservando espaço para a crítica teatral, como a Folha de São Paulo, o Estado de São Paulo, o Diário Carioca e o extinto Jornal da Manhã. Esses jornais trouxeram tanto notícias dos espetáculos em cartaz quanto críticas que hoje se tornaram fontes preciosas para essa análise aqui empregada.

A partir dessas fontes, é possível atestar que poucos críticos conseguiram caminhar

do texto para o palco e do palco para o texto, dosando a importância do dramaturgo e, ao mesmo tempo, dos diretores, dos atores e do público. De certo modo, o fato de privilegiar uma figura ou outra, “o teatro do ator” ou “o teatro do autor”, também contribuiu para que o intercâmbio entre os integrantes dos cursos de Artes Cênicas no Brasil e dos cursos de Letras fosse prejudicado. Tal cenário nada contribui para o estabelecimento de uma Teoria do Drama no Brasil sólida e, por consequência, de uma Dramaturgia Comparada.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio & VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (orgs.). **Ángel Rama. Literatura e Cultura na América Latina**. São Paulo: Edusp, 2001.

ALÓS, Anselmo Péres. Literatura Comparada Ontem e Hoje: campo epistemológico de ansiedades e incertezas. **Organon** (UFRGS), v. 27(52), p. 17-42, 2012.

BERNSTEIN, Ana. **A crítica cúmplice – Décio de Almeida Prado e a formação do teatro brasileiro moderno**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2005

BOLLE, Adélia Bezerra de Meneses. **A obra crítica de Álvaro Lins e sua função histórica**. Petrópolis: Editora Vozes, 1979, p. 96-97.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6 e. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 2000

GUINSBURG, Jacob; PATRIOTA, Rosângela. A revista dramática e o Ideário do teatro como amálgama da nação. **Revista Dramática**, São Paulo, 1860 – Ed. Fac-Similar – Apresentação de Luiz Gonzaga Bertelli. São Paulo, Edusp; Academia Paulista de História, 2007.

LINS, Álvaro. **Jornal de Crítica**, 6ª série. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada. História, Teoria e Crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010

PRADO, Decio de Almeida. **Teatro de Anchieta a Alencar**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 96, 242, 243, 248, 249, 250, 251
Ana Miranda 20
Angel Rama 206, 208, 209
Antítese 167, 178, 180, 181
Antonio Candido 95, 139, 140, 145, 146, 206, 209, 210, 212, 213
Apartheid 1, 2, 5, 6, 7, 9
Aproximaciones Biográficas 271
Arquivo 129, 130, 131, 132, 134, 136, 138
Astrid Cabral 167, 168, 169, 171, 182
A viuvinha 74, 75, 77, 82, 84

B

Brasil 16, 17, 18, 19, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 42, 45, 62, 63, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 119, 135, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 147, 149, 198, 203, 204, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 232, 236, 250, 279

C

Cabo Verde 147, 148, 149, 154, 156, 157, 158
Com amor, Simon 242, 243, 249, 250
Comunidade de território 159, 160, 161, 163
Conflitos Humanos 231
Credibilidade 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240
Crítica à Igreja Católica 86
Cultura 1, 13, 16, 19, 34, 35, 46, 47, 58, 60, 62, 70, 74, 83, 84, 85, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 118, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 144, 145, 148, 149, 158, 163, 164, 165, 167, 169, 210, 216, 221, 224, 251, 257, 261, 263, 266, 272, 273

D

Décio de Almeida Prado 206, 211, 212, 213, 216
Diálogos Literários 147
Dramaturgia 206, 210, 211, 213, 216, 217, 218, 221
Dyonélio Machado 43, 49

E

Edição 17, 50, 51, 89, 106, 107, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 146, 148, 165, 205, 208, 250

Ensino de literatura 139, 141

Ensino de poesia 139

Epistemologia 43, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Epistemologia do Romance 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Espaço 1, 3, 11, 12, 14, 32, 40, 44, 48, 52, 78, 87, 91, 100, 102, 103, 126, 127, 133, 137, 149, 151, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 163, 164, 170, 185, 198, 214, 215, 232, 233, 234, 235, 237, 246, 248

Espaço literário 32, 160

Esperpentos 86, 91, 92, 94

Estética da Recepção 14, 17

Estratégia contradiscursiva 64, 69

Estudos Comparados de Literatura 118, 119

Evangelhos 252, 253, 257, 260

Existencialismo 263

F

Fausto 144, 263, 266, 267, 268, 269, 270

Ficção 1, 9, 10, 11, 13, 17, 20, 29, 37, 42, 63, 66, 74, 75, 76, 82, 84, 96, 99, 142, 189, 208, 231, 234, 235, 236, 240, 242, 250

Folclore 106, 113, 143

G

Goethe 263, 266, 267, 268, 269

Grande sertão: veredas 14, 15, 16, 17, 19

Guimarães Rosa 14, 15, 16, 17, 18, 19, 49, 101, 208

H

Hernâni Donato 32

Herói 36, 45, 51, 54, 55, 56, 58, 61, 64, 65, 68, 91, 104, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 237

Hilda Hilst 185, 193, 194

História 2, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 29, 30, 32, 36, 42, 44, 53, 55, 57, 58, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 73, 74, 76, 82, 84, 89, 93, 96, 104, 105, 113, 114, 124, 126, 127, 128, 130, 131, 138, 140, 150, 151, 157, 158, 159, 161, 165, 188, 201, 209, 211, 216,

224, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239, 249, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 259, 261, 266, 269, 270

Homossexualidade 242, 244, 245

Humanização 139

I

Iconotextos 20, 21, 23, 29, 30

Imaginário 13, 96, 107, 118, 120, 124, 125, 127, 128, 149, 150, 161, 217, 218, 220, 222, 270

Indigenismo 95, 99

Inquérito 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117

Interlocução 185, 187, 190, 193, 194

J

Jornais 78, 84, 88, 110, 115, 129, 131, 132, 133, 134, 136, 165, 214, 215, 236

Jornalismo 231, 232, 235, 236, 237, 241

José Craveirinha 159, 160, 161, 163, 165, 166

José de Alencar 74, 75, 76, 77, 212, 215

K

Kiriku e a feiticeira 118, 119, 128

L

Leitura 3, 9, 12, 17, 61, 76, 77, 101, 109, 111, 113, 114, 127, 129, 130, 132, 134, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 145, 149, 159, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 212, 234, 238, 239, 244, 248, 249, 250, 281

Lírica 160, 170, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194

Literatura 2, 2, 3, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 30, 32, 43, 46, 48, 49, 57, 58, 62, 64, 72, 74, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 104, 105, 110, 117, 118, 119, 124, 128, 129, 130, 131, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 170, 171, 188, 194, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 220, 231, 232, 236, 240, 242, 243, 244, 246, 250, 251, 252, 261, 263, 265, 266, 269, 281

Literatura Comparada 14, 158, 206, 208, 209, 210, 211, 216

Literatura de Recepção Infantil 118

Literatura e História 20, 32, 128

Literatura espanhola 86

Lucien Goldmann 43, 62

M

Mal 37, 38, 51, 87, 89, 94, 120, 121, 122, 123, 124, 132, 138, 143, 174, 223, 226, 230, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 269, 270

Manuel Bandeira 147, 148, 149, 151, 152, 156, 157, 158

Mefistófeles 263, 266, 267, 268, 269

Memória 3, 8, 11, 13, 16, 63, 64, 68, 69, 71, 72, 73, 84, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 165, 187, 193, 194, 195, 223

Meta ficção historiográfica 20

Metáfora 59, 92, 112, 153, 167, 168, 169, 171, 172, 175, 177, 178, 179, 183, 237, 255, 256

Metalinguagem 155, 167, 168, 170, 183

Monteiro Lobato 106, 117

N

Narrativa de tensão 32

Ngungunhane 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

O

O Homem Decomposto 217, 221

O retrato do rei 20, 21, 29, 31

Oswaldo de Alcântara 147, 148, 149, 151, 152, 154, 156

P

Paulo Freire 43

Periódico católico 74, 79, 83

Poesia 10, 17, 91, 107, 108, 117, 139, 148, 149, 151, 152, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 190, 193, 194, 195, 207, 210, 211, 213, 223, 224, 225, 228

Política Pública 196, 198, 202, 203

Prisão 36, 66, 70, 92, 196, 200, 202, 203, 205, 227

Processo intermediático 20, 21, 29

R

Realidade 1, 3, 6, 8, 10, 18, 20, 25, 28, 29, 32, 40, 41, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 69, 70, 82, 91, 92, 93, 102, 104, 106, 112, 126, 133, 143, 147, 151, 154, 156, 161, 168, 176, 181, 198, 199, 208, 213, 214, 217, 218, 220, 221, 222, 224, 228, 229, 232, 234, 235, 236, 240, 245, 246, 263, 264, 270

Reescrita 64, 252, 254

Renamo 1, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 68
Ressocialização 196, 198, 200, 202, 203
Romance adolescente 242, 244
Romance gráfico 252, 253, 257, 261
Romantismo 74, 75, 76, 77, 82, 84, 206, 210, 212

S

Saci Pererê 106, 107, 113
Século XIX 26, 138
Simon vs. a agenda Homo Sapiens 242, 244
Sociologia da literatura 43
Subjetividade 10, 130, 132, 159, 186, 193, 194
Subjetividades 185, 186, 195, 271, 279

T

Teatro Decomposto 217, 220
Tradição 11, 15, 17, 23, 56, 64, 77, 102, 107, 127, 148, 171, 188, 193, 199, 206, 207, 208, 213, 214, 215, 243, 252, 266
Transculturação 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104, 206, 209

V

Valle-Inclán 86, 91, 92, 93, 94
Velhice 14, 16, 18, 19, 268
Violência 1, 8, 12, 34, 36, 50, 51, 53, 55, 56, 59, 62, 126, 211, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261
Voz 3, 7, 11, 13, 18, 49, 52, 62, 75, 93, 96, 97, 100, 111, 114, 122, 124, 125, 126, 128, 148, 160, 163, 168, 169, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 234, 238, 255, 273

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020